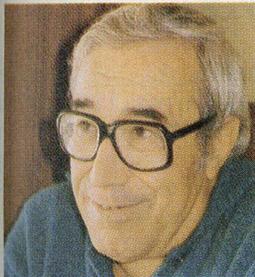


A paisagem desfocada



José Cardoso Pires

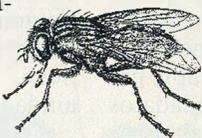
●●● Pois é. Durante cinquenta anos o Governo e os comendadores lusitanísimos empenharam-se em vender aos brasileiros uma falsa imagem de Portugal, inspirada em paternalismos delirantes e em paisagens de folclore campestre. O relacionamento das duas pátrias assentava numa emigração económica real e numa visão artificial da paz doméstica com saudosismos à mistura.

Veio daí a concepção periférica que o quotidiano brasileiro nos atribuiu durante muitos anos e que só agora, com a integração na Comunidade Europeia se

é, nem de longe, rigorosa e está a ser desfocada pelo colonialismo cultural da telenovela. Por outro lado, temos ainda presentes uns vagos restos duma herança camiliana que situa as Terras de Santa Cruz numa pátria de emigração económica, não registando sequer o laço cultural ou a componente política que, neste nosso século, nos aproximam, mais do que tudo, daquele país.

Na verdade, é à Universidade do Brasil que os escritores portugueses dos nossos dias devem a abertura que lhes foi recusada pela Universidade de Salazar e foi no Brasil que encontraram exílio e incentivo Jorge de Sena, Casais Monteiro, Jaime Cortesão, Castro Soromenho, Rodrigues Miguéis, Victor Ramos, Chianca de Garcia e tantos outros. Foi lá também que se refugiaram Galvão e Humberto Delgado e de lá partiu o navio «Santa Maria» para a sua aventura libertadora. A diplomacia brasileira do embaixador Mello Franco devemos a contestação internacional de Afonso Arinos de Mello Franco à Ditadura salazarista e jamais nos podemos esquecer da corajosa solidariedade que Álvaro Lins prestou à oposição portuguesa quando representava o seu país em Portugal.

Nisto, sim, reside uma fraternidade real que importa sublinhar numa altura em que a Querela dos Dentistas e o Carnaval do Acordo Ortográfico ensombream a imagem dos dois países. ■



Henrique Galvão no «Santa Maria»: uma aventura libertadora, com o apoio do Brasil

começa a corrigir. A partir de então um outro Portugal se revela aos olhos do brasileiro comum que passa dum alheamento tolerante entre irmãos a uma abordagem interessada da nossa realidade.

Pela parte que nos toca, a leitura do Brasil também não

A Pulga

Se tantas nações se têm tornado independentes é porque querem comemorar (imitando Portugal) o Dia da Independência



José Sesinando

Destques

4 Os segredos de Pedro Passos Coelho

Do Arco da Velha Frente de «colunáveis» contra Le Pen

5 R(u)icochete O cartoon de Rui Pimentel

6 Bruxas à solta Histórias de feitiços e de burlas

15 Escrever na Água Augusto Abelaira interroga-se: «Será que Cavaco Silva existe?»

16 História da capa Vieira da Silva é evocada por Rui Mário Gonçalves, Francisco Vale e Elisa Drago

24 Entrevista com Fernando Duarte O director-geral dos Serviços Prisionais aborda os temas mais quentes da vida nas cadeias

28 Jornais das prisões Como a criatividade anda à solta, atrás das grades

34 Corvo de Asas Cortadas Retrato da ilha mais ocidental da Europa

40 À Mesa, Garrafeira

42 Passatempos

44 Divã, o Terrível Onde todos os problemas íntimos são solucionados

45 Superestrelas

46 Miradouro Rodrigues da Silva comenta o recente pacote legislativo para o Audiovisual

Este suplemento faz parte integrante da edição nº 890 de «O Jornal», de 13 a 19 de Março de 1992 não podendo ser vendido separadamente. Montagem na Intergráfica, Publicidade e Artes Gráficas, Limitada, selecções de cor na Reproscan e impressão na Lisgráfica.